Dos personagens queer aos assassinos sanguinários, Silvero Pereira faz do palco seu altar e da tela uma trincheira

"Inquietude por surpreender"

POR PATRICK SELVATTI

Por trás dos olhos vivos de Silvero Pereira há um artista que carrega o Brasil em camadas — de cangaço e travestilidade, de musicalidade e luta, de potência e ternura. Aos 42 anos, o cearense de Mombaça que encontrou morada em Recife (PE) se reinventa mais uma vez nas telas da TV Globo, desta vez como Érico, um pai e performer drag na novela de época *Garota do momento*. "Acho fundamental que a história da comunidade queer seja retratada, principalmente, em uma novela como comprovação da nossa existência desde sempre", declarou à **Revista**.

A arte de Silvero nunca foi apenas papel; é extensão do seu corpo, grito do seu tempo, matéria política e poética ao mesmo tempo. Ele chegou ao teatro como quem descobre a própria pele: aos 17 anos, ao entrar na então Escola Técnica Federal do Ceará, foi tocado pela faísca da cena amadora e nunca mais saiu de cima do palco. De lá, fundou coletivos, encenou monólogos, escreveu peças e desafiou normas. Com o projeto As travestidas, plantou um teatro queer no semiárido e o fez florescer pelo país. O *espetáculo BR-Trans*, em que assina texto e protagonismo como a personagem Gisele, é uma dessas flores: espinhosa, bela e necessária.

Seu nome começou a ecoar nacionalmente em 2017, quando, após vê-lo em cena, a autora Glória Perez o convidou para viver Nonato — um motorista que se passa por heterossexual de dia e atua como drag queen à noite — em *A força do querer*. De lá para cá, Silvero transformou-se em um dos rostos mais inventivos da dramaturgia brasileira — e, mais do que isso, em uma voz.

Lunga, o guerreiro queer de *Bacurau*, é hoje uma figura mítica da cinematografia brasileira — onde ele estreou em 2013 interpretando Severino no drama *Serra Pelada*. Um símbolo, como ele mesmo diz, de "respeito conquistado". "*Bacurau* é um grande marco na minha história no cinema. Lunga fez meu trabalho como ator conquistar muitos espaços e muito respeito. Cresci muito profissionalmente com esse personagem", destacou Silvero. O filme de 2019, de Kleber Mendonça Filho, conquistou o prêmio do júri do Festival de Cannes.

Igor de Melo/Divulgação

No ano passado, o artista geminiano atravessou todos os estereótipos ao dar vida ao emblemático serial killer Francisco de Assis Pereira no filme *O Maníaco do Parque*. Para a cinebiografia de Maurício Eça sobre o motoboy e patinador que assassinava mulheres, o ator conta que o processo criativo foi longo e difícil, mas também a parte mais deliciosa de fazer. "Foram dois meses de muito estudo e ensaio na preparação e aulas extras de patinação, prosódia e partituras corporais. Quando chegou o momento de gravar, eu me sentia pronto para a cena graças a isso. O preparo minucioso de um personagem é sempre uma das coisas que mais amo", relatou.

"Não é que eu não goste"

Mas Silvero não se acomoda nos ícones que cria. "Não é que eu não goste, mas eu enjoo fácil se não houver surpresas" — e a frase que usa para se definir parece uma chave para entender sua jornada. Nos últimos anos, foi do suspense cômico da Netflix (*Nada suspeitos*) à candura do peão Zaquieu no remake de *Pantanal*, e do glamour grotesco de drag queens em *De repente drag* à vitória no *The Masked Singer Brasil*, quando cantou escondido sob o disfarce do Bode.

Cantor, sim. Silvero se confessa um apaixonado tardio pela música. "Desde pequeno, meu pai me incentivava a ouvir música de qualidade com grandes cantores brasileiros. Esse desejo de me envolver com a música sempre foi latente, mas só nos últimos seis anos resolvi me dedicar a estudar mais sobre canto e realizar projetos musicais", conta ele, que, no momen-